

“Não estava no meu conteúdo, no livro didático, mas todo dia eu ouvia eles falarem sobre remédios caseiros”: a prática da alfabetização científica na Educação de Jovens, Adultos e Idosos

“It wasn't in my content, in the textbook, but every day I heard them talk about home remedies”: the practice of scientific literacy in Youth, Adult and Elderly Education

Ivanessa Solon Silveira

Mestranda da Universidade Federal do Pará
iva.solon@hotmail.com

Silvaney Ferreira

Secretaria de Educação Pará
silvaneyferreira@gmail.com

Resumo

Este artigo traz um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Docência em Educação em Ciências e Matemática (UFPA), que trata da formação de professores e alfabetização científica na EJA. Nele, apresenta-se um viés da pesquisa, que objetiva empreender reflexões em torno da prática de alfabetização científica na EJA, evidenciando as singularidades que envolvem esse processo. Tais reflexões partem da narrativa de uma professora que ensina ciências na EJA, na 1^o Totalidade, no município de Belém/PA, que participou de formação continuada em contexto colaborativo. A narrativa foi analisada por meio da Análise Textual Discursiva. Os resultados destacam que quando os professores incorporam os saberes das vivências dos educandos em suas práticas, passam a experimentar outras possibilidades para o ensino de ciências na EJA, potencializando a aprendizagem, se distanciando de práticas formalistas, aproximando-se de um ensino mais inovador na perspectiva da alfabetização científica.

Palavras chave: Alfabetização científica, EJA, prática pedagógica, formação de professores, remédios caseiros, saberes populares.

Abstract

This article presents an excerpt from the master's dissertation research, linked to the Postgraduate Program in Teaching in Science and Mathematics Education (UFPA), which deals with teacher training and scientific literacy in EJA. In it, a research bias is presented, which aims to undertake reflections around the practice of scientific literacy in EJA, highlighting the singularities that involve this process. Such reflections start from the

narrative of a teacher who teaches science at EJA, in the 1st Totalidade, in the city of Belém/PA, who participated in continuing education in a collaborative context. The narrative was analyzed through Discursive Textual Analysis. The results highlight that when teachers incorporate the knowledge of the students' experiences in their practices, they start to experience other possibilities for teaching science in EJA, enhancing learning, moving away from formalistic practices, approaching a more innovative teaching in the EJA. perspective of scientific literacy.

Key words: Scientific literacy, EJA, pedagogical practice, teacher training, home remedies, popular knowledge.

Introdução

Este trabalho constitui-se como um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado, em andamento, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Docência em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal do Pará, que trata sobre a formação de professores e alfabetização científica na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA).

O artigo, apresenta-se como um viés desta pesquisa, que objetiva empreender reflexões em torno da prática de alfabetização científica na EJA, evidenciando as singularidades que envolvem esse processo na modalidade. Tais reflexões estão amparadas na narrativa de uma professora que ensina ciências na 1ª Totalidade da EJA, referente aos três primeiros anos do ensino fundamental, em uma escola do município de Belém do Pará, que participou de formação continuada em contexto colaborativo.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos é uma modalidade que apresenta especificidades no ensino e requer a adoção de práticas pedagógicas diversificadas que estimulem a participação, a interação e, ao mesmo tempo valorize os saberes das vivências dos educandos, estimulando o pensar propositivo e interventivo nesta realidade.

Nesse sentido, durante o processo de formação continuada identificamos a partir da prática desenvolvida pela professora da EJA, possibilidades de se estabelecer relações entre os saberes das vivências dos educandos e os conhecimentos das ciências naturais, e o quanto isso contribui sobremaneira para o distanciamento de práticas formalistas e a aproximação de um ensino mais inovador na perspectiva da alfabetização científica.

Tais práticas estão entrelaçadas com a própria vivência da professora como docente da EJA, que descobre no contato com os educandos outros modos de ensinar ciências, que ao serem elaborados, reelaborados e experimentados de outras formas, aproximam a ciência da academia da ciência popular, termo utilizado por Chassot (2018).

Na intenção de prosseguirmos com a discussão, apresentamos na próxima seção aspectos teóricos que envolvem a alfabetização científica na EJA, seguidos da metodologia e das reflexões tecidas sobre os resultados desse recorte de pesquisa, e, por último, as considerações finais.

Alfabetização Científica na Educação de Jovens, Adultos e Idosos

Definida na legislação educacional como uma modalidade de ensino, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) se destina a garantir o direito à educação à população com 15 anos ou mais que por diversos motivos, não teve acesso ou interrompeu os estudos antes de concluir a educação básica (LDB, 1996). Os estudos de Oliveira (1999) acrescentam que é uma modalidade que não se define apenas pela questão etária ou geracional, o Brasil abriga um déficit histórico de acesso à educação escolar a grande parte da população, que ainda hoje vive em condição de exclusão socioeconômica, cultural e educacional e que vem constituir o público-alvo da EJA.

A afirmação de Oliveira (1999) faz menção aos 11 milhões de brasileiros que não sabem ler nem escrever (IBGE, 2019), inseridos numa sociedade predominantemente grafocêntrica, científica e tecnológica. O não acesso a esses códigos constitui a estas pessoas, um grave impedimento para aquisição do conhecimento e a conquista da cidadania plena.

Nessa conjuntura, a alfabetização é ainda uma ideia emblemática no campo da EJA em nosso país, no que acrescenta-se com o mesmo grau de importância a necessidade da alfabetização científica destes educandos. Parte-se do entendimento que do mesmo modo que a alfabetização possibilita por meio da leitura da palavra fazer uma leitura de mundo, a alfabetização científica fornece por meio do conhecimento científico, elementos para uma leitura crítica do homem em relação ao mundo natural que o cerca.

A complexidade do mundo atual, o avanço da ciência e da tecnologia exige um cidadão mais preparado, que disponha de conhecimentos sobre o porquê e como ocorrem os feitos científicos e suas implicações, podendo participar de modo mais consciente das decisões que afetam diretamente suas vidas. Nesse sentido, concorda-se com Chassot (2018, p.84) que a alfabetização científica "facilitaria aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem", tornando-se um cidadão mais crítico e ciente das necessidades de transformá-lo em um mundo melhor.

Conforme Chassot (2018) a alfabetização científica pode ser considerada uma das dimensões para potencializar uma educação mais comprometida, favorecendo a inclusão social. Se antes o ensino de ciências centrava-se na transmissão de conteúdos, ou até mesmo na preparação de futuros cientistas, hoje há uma preocupação em fazer com que a ciência seja medianamente entendida por todos e facilitadora do estar fazendo parte do mundo.

Para isso, o autor ressalta a importância de tornar o conhecimento sobre a ciência algo menos asséptico, ou como ele refere mais encharcado na realidade (CHASSOT, 2018) e dentre suas observações aponta o trabalho com os saberes populares como uma forma muito interessante de diálogo com o conhecimento científico e valorização da cultural local em que a escola está inserida.

O saber popular ou ciência popular, segundo Chassot (2018) se diferencia do chamado senso comum. Para o autor, que cita os estudos de Lopes (1993, p.18), enquanto o senso comum aponta para a universalidade e uniformidade, o saber popular é múltiplo e adquire significados diferentes para cada comunidade. Os saberes populares são conhecimentos produzidos solidariamente e, às vezes com muita empiria, à exemplo a medicina popular com suas ervas e remédios caseiros, benzedeiras e, como cita Chassot (2018, p.205) os especialistas em traumatologia, famosos consertadores de ossos.

Nesse contexto, é importante o destaque feito pelo autor (CHASSOT, 2018) que o saber popular, embora detenha o menor prestígio social, podendo muitas vezes significar



vulgar, trivial ou plebeu, foi/é/será em algum momento da existência um saber científico. Portanto, o trabalho com os saberes populares é uma forma de valorizar esse conhecimento que é produzido em distintos contextos, essa é uma função da escola, tanto pedagógica como política.

No contexto brasileiro, especialmente na região amazônica de onde parte esta pesquisa, o trabalho com os saberes populares pode contribuir significativamente com o processo de alfabetização científica, sobretudo dos educandos da EJA, tendo em vista que são sujeitos com uma gama de conhecimentos advindos das suas vivências, das diferentes culturas de que fazem parte.

O reconhecimento e o respeito aos saberes desses educandos, como defende Freire (1996), contribui para que a sua aprendizagem seja significativa e, facilita na compreensão da relação entre a ciência e o seu cotidiano. Para isso, é importante que professores e professoras considerem em suas práticas a realidade dos educandos, seus anseios, suas potencialidades e o que sentem necessidade de aprender.

Dessa forma, acreditamos que a prática educativa no ensino de ciências que considere os saberes populares dos educandos da EJA, seus conhecimentos prévios, seus interesses, respeito a sua cultura, mostrasse como uma estratégia viável e que contribui sobremaneira com o processo de alfabetização científica desses sujeitos.

Nessa perspectiva, buscamos empreender reflexões acerca da alfabetização científica na EJA a partir da prática desenvolvida por uma professora da 1ª Totalidade com o tema “Remédios Caseiros”. Esta prática foi socializada ao grupo e analisada durante a formação continuada em contexto colaborativo, desenvolvida na pesquisa de mestrado em andamento intitulada “Formação de Professores e Alfabetização Científica na Educação de Jovens, Adultos e Idosos”, da Universidade Federal do Pará.

Aspectos metodológicos

Com o objetivo de empreendermos reflexões acerca do processo de alfabetização científica na EJA, investigamos a prática docente nesta modalidade durante a formação continuada em contexto colaborativo, desenvolvida no percurso da pesquisa colaborativa.

A pesquisa colaborativa com base nos estudos de Ibiapina (2008, 2016) e Desgagné (2007) é um processo de investigação em que pesquisadores e professores trabalham de forma conjunta, menos hierárquica, articulando o conhecimento acadêmico ao conhecimento prático profissional, a serviço da aprendizagem docente. É uma pesquisa que problematiza a realidade educativa, investigando e teorizando a prática docente, no intuito de aperfeiçoá-la.

Dentre os instrumentos formativos da pesquisa colaborativa, utilizamos as Sessões Reflexivas, que conforme Ibiapina (2008) auxilia no exercício da reflexão crítica sobre a prática docente. É um momento, em que cada professor-colaborador narra ao grupo uma prática sua considerada bem-sucedida, aqui especificamente, relacionada ao ensino de ciências e alfabetização científica. O objetivo é refletir sobre o que fez? Como fez? E o que o faz agir assim? Para suscitar a necessidade ou não de um agir diferente.

Cada colaborador da pesquisa na Sessão Reflexiva, tem o papel de conduzir o outro à reflexão crítica de sua ação ao questionar e pedir esclarecimentos sobre as escolhas feitas, além de sugerir contribuições para melhoria.

Na pesquisa contamos com três professoras-colaboradoras, que ensinam ciências na EJA, em uma escola do município de Belém do Pará. Entretanto, para este artigo, destacamos como sujeito da pesquisa apenas uma dessas professoras, que será identificada pelo nome fictício de Mariana. Esta professora é pedagoga, docente da EJA há 03 (três) anos, atua na 1ª Totalidade, referente aos três primeiros anos do ensino fundamental.

No artigo, enfocamos a Sessão Reflexiva “Remédios Caseiros”, narrada pela professora Mariana, a partir da prática desenvolvida com os seus educandos da EJA na 1ª Totalidade.

Para a construção do corpus da pesquisa utilizamos os registros em áudio da Sessão Reflexiva, que foram posteriormente transcritos. Esse material foi analisado, por meio dos eixos da Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2007), com o objetivo não só de descrever o discurso da professora-colaboradora, mas principalmente identificar em sua fala, elementos que possibilitasse construir sentidos e significados acerca do fenômeno investigado, como iremos apresentar na próxima seção.

Remédios caseiros e a prática da alfabetização científica na EJA

“- Dona Olga hoje eu amanheci com torcicolo.
- Você já passou andiroba com cabacinha?
- E pra pé inchado?
- Coloque a folha do algodão.”
(MARIANA, 2018)

O diálogo acima foi narrado pela professora Mariana durante a Sessão Reflexiva em que socializava sua prática realizada com os educandos da 1ª Totalidade da EJA. Conforme a professora, a escuta desses diálogos serviu de inspiração para o trabalho com o tema “Remédios Caseiros”, como relata:

Todas as noites, eu percebia que quando chegava na sala, que eu sentava para fazer a chamada, os alunos mais idosos, ficavam dando receita uns para os outros:
“- Dona Olga, hoje eu amanheci com torcicolo.
- Você já passou andiroba com cabacinha?
- E pra pé inchado?
- Coloque a folha do algodão.”
Então, eu escutava esses diálogos, e perguntei se eles gostariam de fazer algum trabalho sobre ervas medicinais (remédios caseiros), daquilo que eles sabiam, que eles poderiam trazer, aí eles toparam e foi um trabalho muito bacana. (MARIANA, 2018).

Em sua fala a professora Mariana nos chama atenção para aspectos singulares que apresenta a prática do ensino de ciências na EJA, nos ajudando a compreendê-los. Um dos aspectos destacados na narrativa e que consideramos ser de fundamental importância para um trabalho efetivo na EJA é ter um olhar atento às demandas trazidas pelos educandos, pois são elas que dão a tônica ao trabalho do professor e constituem o ponto de partida para o fazer pedagógico. Por meio delas é possível se aproximar da realidade dos educandos, identificando os saberes existentes e o que sentem necessidade de aprender e, conforme expressa a professora estão para além das questões curriculares:

Essa prática (ervas) surgiu, do que nos diz Freire, da necessidade cotidiana dos alunos. Ela não estava no meu conteúdo, no livro didático, mas todo dia eu ouvia eles falarem sobre isso, sobre remédios caseiros. (MARIANA, 2018)

É uma prática como a professora cita, que se fundamenta na perspectiva freireana, pois surge da necessidade cotidiana dos educandos. Freire (1996) sempre enfatizou a necessidade de a educação dialogar com os conteúdos concretos da realidade e, neste caso, os remédios caseiros se apresentavam como saber latente na vida daqueles educandos, mostrando a forma particular com que tratavam os problemas de saúde.

É importante ressaltar, que estes saberes emergem dentro de um contexto educacional amazônico, em que os remédios caseiros constituem um dos principais meios para o tratamento de diversas doenças, dada a extensa e diversificada flora da região, as localidades com difícil acesso ao atendimento médico, o baixo custo comparado aos remédios sintéticos e a questão da própria confiabilidade.

Assim, é comum encontrarmos o cultivo de plantas medicinais em quintais residenciais e sendo comercializadas em feiras livres e mercados populares, como é o caso da Feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará, onde as ervaíras são nacionalmente conhecidas e detentoras de uma sabedoria ímpar sobre o poder curativo das plantas.

A professora Mariana buscou trabalhar o conhecimento científico a partir dos conhecimentos prévios manifestados pelos educandos, observando que o tema “Remédios Caseiros” poderia envolver não só o ensino de ciências, mas as diversas áreas de conhecimento do currículo, assim expressa que:

[...] eu consegui com um único tema, trabalhar o conteúdo de Ciências, Português, Matemática, História e Geografia. Consegui que a turma se envolvesse no trabalho de pesquisa, partilhassem conhecimentos, conhecessem um pouco mais sobre o cultivo de plantas medicinais, da cultura do nosso povo [...]. (MARIANA, 2018)

A aproximação do ensino de ciências com a vivência dos educandos possibilitou um trabalho interdisciplinar, diversificado, conectando os conteúdos das ciências naturais com os demais conhecimentos. Esta estratégia vai ao encontro dos objetivos da BNCC, ainda que esta orientação curricular tenha se privado de uma discussão mais específica sobre a modalidade, menciona que o ensino de ciências deve ocorrer articulado com os diversos campos do saber, vejamos:

[...] a área de Ciências da Natureza, por meio de um olhar articulado de diversos campos do saber, precisa assegurar aos alunos do Ensino Fundamental o acesso à diversidade de **conhecimentos científicos** produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais **processos, práticas e procedimentos da investigação científica**. (BRASIL, 2017, grifos do autor)

Assim, no trabalho sobre “Remédios Caseiros” percebemos a articulação entre os conhecimentos curriculares das diferentes disciplinas, os saberes prévios dos educandos e os saberes advindos da cultura da região. Esse entrelaçamento de saberes contribui de maneira significativa com o processo de alfabetização científica, fazendo com que o educando da EJA compreenda melhor o mundo que o cerca, por meio de diferentes leituras.

Outro aspecto que é possível destacar na prática narrada pela professora Mariana é que o ensino de ciências a partir dos saberes populares sobre remédios caseiros abarca também a

questão intergeracional presente nas turmas da EJA. O diálogo que suscitou o tema para a aula surge da troca de conhecimento entre os mais idosos com os jovens e adultos. Observe:

Todas as noites, eu percebia que quando chegava na sala, que eu sentava para fazer a chamada, os alunos mais idosos, ficavam dando receita uns para os outros:

“- Dona Olga, hoje eu amanheci com torcicolo.

-Você já passou andiroba com cabacinha?

-E pra pé inchado?

- Coloque a folha do algodão.” [...] (Mariana, 2018).

Conforme Arroyo (2005, p.224) a EJA é uma modalidade que “construiu sua própria especificidade de educação, com um olhar sobre os educandos”, sujeitos com trajetórias singulares e diferentes tempos de vida. Cada geração - jovens, adultos ou idosos - apresenta objetivos diferentes e a convivência entre elas proporciona a troca de experiências, a partilha de saberes, o respeito mútuo e a transmissão da cultura.

Quando a professora Mariana propõe o trabalho sobre “Remédios Caseiros” percebemos ser um tema de interesse de todos os educandos - jovens, adultos e idosos, e com isso, ela colabora também para a preservação da cultura da região no cultivo das ervas medicinais.

A estratégia adotada pela professora, valorizando a sabedoria popular transmitida entre as gerações relacionando com os conteúdos científicos, avança em aspectos importantes no processo de alfabetização científica dos educandos da EJA, como a questão do presenteísmo - uma vinculação excessiva no presente, que Chassot (2018, p.37) cita ser muito comum entre os jovens e, também com a questão do cientificismo - crença exagerada no poder da ciência, tão presentes ainda nas salas de aula, e que para o autor é preciso que se compreenda que o conhecimento científico é apenas uma "linguagem para facilitar a nossa leitura de mundo" que é mutável e falível.

É destacado na narrativa da professora Mariana, que o ensino de ciências na EJA apresenta especificidades, a sua prática vem muito da sua experiência com os educandos e com os seus pares, pois são raros ou ausentes tanto na formação inicial quanto nos processos de formação contínua discussões nessa área. Vejamos:

[...] (sobre o ensino de ciências) Eu vi práticas de ensino na Educação Infantil um pouco de conteúdos de ciências, e também no Estágio uma prática de uma professora no ensino de ciências. Mas da EJA não, nem como disciplina, nem ideia geral.[...] E a gente sabe que é um ensino totalmente diferente, porque a gente tá ali na EJA, em contato com eles (educandos). (MARIANA, 2018)

Mesmo não tendo uma formação específica, eu tento trabalhar com materiais que atendam a todos os alunos [...] não há um apoio da secretaria de educação, em termos dessa formação continuada [...] então esse diálogo ele vem de nós enquanto pares de professores. (MARIANA, 2018)

A ausência de formação docente específica para EJA é uma questão muito discutida por pesquisadores como Haddad (2000), Machado (2000, 2008), Arroyo (2006) entre outros, que historicamente lutam pela qualificação dos professores para a modalidade. Entretanto, é um tema que precisa ser adensado na área da educação em ciências, pois são poucos os estudos que se voltam para a investigação de como a educação científica se realiza na EJAI, envolvendo inclusive a questão curricular (CASSAB, 2016; PARANHOS, 2017).

Em sua narrativa, a professora Mariana ressalta que a sua prática no ensino de ciências advém dos seus saberes experienciais, construídos no exercício da docência na EJA (TARDIF, 2014). A experiência com os educandos, fez com que a professora, desenvolvesse um modo diferenciado de ensinar, mais propositivo e significativo, que atendesse as especificidades desse público.

Assim, percebemos na prática desenvolvida pela professora elementos que nos ajudam a compreender melhor as singularidades que envolvem o processo de alfabetização científica na EJA. O trabalho com os “Remédios Caseiros” nos mostra que é possível estabelecer relação entre os conteúdos de ciências naturais e a realidade dos educandos, superando práticas de ensino reprodutivistas, conteudista e com pouco significado.

Considerações finais

A utilização de remédios caseiros no contexto amazônico é uma prática secular, um conhecimento trazido pelos povos indígenas com contribuição dos negros e europeus, e ainda hoje, constitui ferramenta importante na promoção da saúde da população dessa região. É uma prática cultural, que faz parte dos saberes populares que são transmitidos de geração em geração.

Quando a escola, e particularmente o professor, reconhece e valoriza esses saberes populares, sobretudo na EJA, favorece o desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de relacioná-los com os saberes dos conteúdos escolares, problematizando-os a partir da realidade dos educandos, como foi possível perceber na prática desenvolvida pela professora Mariana.

A experiência da docência na EJA, possibilitou que a professora desenvolvesse uma autonomia no modo de ensinar ciências, explorando o conhecimento prévio do educando, os saberes das suas vivências, os saberes populares, tendo em vista a carência de formação que a docente alega ter.

Desse modo, acreditamos que quando os professores incorporam estes saberes em suas práticas, passam a experienciar outras possibilidades para o ensino de ciências na EJA, potencializando a aprendizagem significativa, um melhor entendimento dos conteúdos relacionando-os com a sua realidade, superando concepções científicas.

Certamente, são aspectos que corroboram para o processo de alfabetização científica, na medida em que os educandos da EJA, imbuídos destes conhecimentos, têm facilitada a sua compreensão sobre o mundo em que vivem.

Referências

ARROYO, Miguel. **A EJA em tempo de exclusão**. In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

_____. **Formar educadores e educadoras de jovens e adultos**. In: SOARES, Leôncio José Gomes (Org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em:



20 de Janeiro de 2020.

_____. **Lei n 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso: 25 de Janeiro de 2020.

CASSAB, Mariana. **Educação de Jovens e Adultos, Educação em Ciências e Currículo: diálogos potentes.** Educação Em Foco, v.21, n.1, p.13–38, mar/jun, 2016.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação científica.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2018.

DESGAGNÉ, Serge. **O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos.** Revista Educação em Questão. Maio/Ago, 2007. V.29, n.15, p. 7-35. Natal, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HADDAD, Sérgio. **O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos: a produção discente da pós-graduação em educação no período 1986- 1998.** São Paulo: Ação Educativa, 2000.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos.** Brasília: Líber Livro, 2008.

_____. **Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão.** In: Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes. EDUFPI, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** (Pnad Contínua). Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <<https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>>. Acesso em: 08 de Agosto de 2022.

MACHADO, Maria Margarida. **A prática e a formação de professores na EJA: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/1822t.PDF>>. Acesso em: 16/07/2022.

_____. **Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança.** Retratos Da Escola, Brasília, v.2, n.2/3, p.161-173, jan./dez.2008. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/13005>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2020.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez, 1999. No 12. 1999.

PARANHOS, Rones de Deus. **Ensino de biologia na Educação de Jovens e Adultos: o pensamento político-pedagógico da produção científica brasileira.** 2017. 229 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.